

JOVENS AUTORES INDÍGENAS NA CENA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA: EZEQUIEL VITOR TUXÁ E ELLEN LIMA WASSU

Entrevistado: Ezequiel Vitor Tuxá

Entrevistador: Joel Vieira da SILVA FILHO¹



Imagem 1: Ezequiel Vitor Tuxá²

Biografia

Ezequiel Vitor Tuxá nasceu em Ibotirama, município da Bahia, em 1997. Indígena do povo Tuxá Kiniopará. É escritor, artista e psicólogo. Publicou em 2022 seu romance de estreia *O que falam as águas?* a partir do Projeto Livro-Lugar, da Universidade Federal da Bahia, mesma universidade em que se graduou em psicologia.

JOEL: Inicialmente, gostaria que você falasse um pouco sobre você, sua vivência e identidade indígena.

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: Eu sou Ezequiel Vitor Tuxá, pertenço ao povo Tuxá, que fica localizado em Ibotirama-BA. Mas, por conta de todo processo chesfiano (CHESF – Companhia Hidro Elétrica do São Francisco), os meus pais e avós se viram obrigados a estar em um novo lugar, um novo território, em consequência da construção da Hidrelétrica de Itaparica. Mas existem Tuxás também em Rodelas-BA, espalhados pelo Nordeste. Desde criança sempre gostei

1. Doutorando e Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil. Bolsista Fapeal. E-mail: joel.filho17@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9895-9911>.

2. Disponível em: <https://www.brasildefatoba.com.br/colunistas/ezequiel-vitor-tuxa>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

de escrever, era algo que eu fazia muito. Eu criava historinhas com amigos encantados. E eu não tinha referência de escrita indígena. Eu fui ter acesso aos livros com a revista da Avon, de literatura no geral. Tudo o que eu tinha de leitura era da biblioteca da minha escola, que me entediava muito, pois se resumia somente às matérias que ali eram ensinadas. Minha avó costumava comprar sagas a partir dessa revista, que na época era a única opção para eu ter acesso à literatura. Eu me identifico como uma pessoa que está no entrelugar: de estar na comunidade e ao mesmo tempo fora. Desde pequeno eu fiquei nesse lugar de estar e não estar por motivos educacionais, minha família achava melhor eu estudar em outro local. Eu sou uma pessoa indígena nesse processo de estar dentro da aldeia de várias outras formas, me infiltrando a partir da minha ancestralidade e espiritualidade, e uso a escrita como aparato para trazer um pouco desse território tanto para mim como para as pessoas da aldeia entenderem que o processo de aculturação trouxe um mal-estar para nós, povos indígenas. Uso isso para promover um movimento, mesmo que ingênuo e delicado, de revolução.

JOEL: Eu conheço os Tuxá de Rodelas, gostaria de saber o motivo do distanciamento, porque de Ibotirama para Rodelas, mesmo sendo no mesmo estado, são cidades distantes.

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: São mais de 800km de distância. A gente ficou muito afastado. Acredito que foi mesmo uma estratégia desse projeto chesfiano afastar essa comunidade para enfraquecer, mas também acredito que aqueles que quiseram ir, estavam preocupados com sua subsistência, com a garantia de ter um território demarcado. O afastamento aconteceu com a construção da hidrelétrica de Itaparica, na década de 1980. Meus familiares foram afastados do território, mas mantivemos nossa ancestralidade e o contato com o rio. Mesmo muito distantes, ainda somos indígenas ribeirinhos que mantêm contato com o rio São Francisco. Inclusive, foi uma das exigências do nosso cacique, Manoel Novaes, para que essa mudança fosse possível. A minha geração já nasce em Ibotirama, não em Rodelas.

JOEL: Gostaria que você falasse um pouco sobre o seu encontro com a literatura.

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: Eu usei por tempos a literatura para expressar emoções que eu não conseguia externalizar. O processo de escrita foi um fortalecimento de mim enquanto identidade indígena. O contato com os gêneros romance, conto, poesia, aconteceu, acredito, que a partir da leitura de autores não indígenas. Foi nas ausências de referências indígenas que eu me desesperei para criar algo. Eu consegui costurar minha escrita com as vivências que tive com minha avó e meu pai. Eu sempre fui um ouvinte muito bom, sempre escutei as histórias deles e trouxe muitas dessas referências para o que eu escrevo. A escrita foi essa forma de me fortalecer enquanto indígena, mas também como uma forma de dizer para a sociedade, e para minha comunidade, que podemos publicar livros. Às vezes penso se sou um escritor ou um semeador de palavras, escrevendo, ou semeando, eu preservo e fortaleço a autenticidade do meu território. Talvez não haja distância entre sementes e palavras.

JOEL: O seu romance *O que falam as águas?* de 2022 é a sua obra de estreia? Gostaria que você me contasse um pouco como esse livro surgiu.

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: Esse livro surge na universidade a partir do projeto de extensão Livro-Lugar, que é coordenado pela professora Laura Castro, do IHAC-UFBA. A partir da bolsa do projeto, consegui pensar e idealizar esse livro. A princípio não tinha um formato ou gênero específico. A gente brincava de escrever. Então, quando eu maturei *O que falam as águas?* decidi, por um tempo, que ele seria um livro de fotografias, um fotolivro. No processo, ele chegou a ser um conto, e depois decidi que ele seria um romance, porque nesse gênero eu conseguiria expandir o que sonhava para o meu primeiro livro. A história do livro se associa às minhas vivências. Cheguei à ideia de que seria um romance na terapia. Eu nunca tinha feito terapia antes e por isso eu não conseguia me expressar bem, não conseguia falar das minhas questões. Então, uma das estratégias foi escrever. A partir daí eu consegui elaborar minhas repetições, dando tempo para que meus processos psíquicos fossem reconhecidos e, de sorte, construí sínteses de cada capítulo. Eu acredito que para um indígena escrever, digo afetivamente, com poesia, ele precisa entrar em contato com o que está inscrito dentro dele. Entrar em contato com o interior pode trazer dores adormecidas, mas também lhe dá a possibilidade da resiliência. *O que falam as águas?* é parte materializada dessa minha resiliência, mas também um chamamento para entender o que um desastre ambiental causa psicologicamente numa população indígena.

JOEL: Para a publicação do livro o projeto Livro-Lugar foi importante. O que você me diz desse processo até a publicação?

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: Acredito que se não fosse o projeto Livro-Lugar eu nem pensaria em publicar nada. Eu escrevia, mas não sabia os caminhos para a publicação. Foi a partir desse projeto de extensão que eu tive noções do que fazer para publicar um livro. No processo de produção desse livro a gente, bolsistas, participava de todas as atividades, a gente estava infiltrado em tudo. Hoje, por exemplo, eu tenho acesso a outras editoras e percebi o quanto a minha experiência dentro do projeto de extensão foi importante para que eu adquirisse esse conhecimento mais ampliando do que eu quero e do que eu não quero dentro de uma editora.

JOEL: Você escreve em um gênero bastante acessado pela crítica, o romance, mas não tão acessado pelos autores indígenas brasileiros. Noto também a presença de poesia em seus textos. Então, te pergunto, por que o romance?

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: Pela escassez mesmo, e também pelas definições de gênero que a equipe foi dando ao término dele. Mas minha escrita sempre vai ser atravessada pela poesia. Penso também que foi uma estratégia, nada planejada, colocá-lo como um romance.

JOEL: Pensando no espaço do romance, o lugar inicial do texto é aldeia Tuxá em Rodelas-BA. Qual a sua relação com esse território?

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: A memória foi muito importante para a construção desse romance. Antes de iniciar o processo de descrição do espaço, eu realizei uma pesquisa com minha avó e meu pai para além das escutas que eu fazia. Eu imaginei como seria esse romance e a partir daí fui ter contato com os mais velhos, traçando e mapeando como seria esse local. Meu pai fez até um mapa de como eram as ruas, os espaços da antiga Rodelas, para eu me localizar bem. Foi muito legal porque eu tive duas visões bem diferentes. Meu pai era criança quando saiu de lá e falava muito do rio. Já a minha avó falava muito das casas, ruas e igreja. Mas para escrever eu não estava preso ao que realmente era certo, eu queria essa brincadeira de construir mesmo um novo local que respeitasse minha imaginação. Mas muito do que está no romance foi a partir das referências da minha vó, meu pai e outras pessoas, como, por exemplo, o Felipe Tuxá.

JOEL: A memória é uma categoria muito presente em seu romance. Nos seus escritos, em geral, a memória herdada dos seus familiares ~~são importantes~~ é importante para a construção dos seus textos?

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: Muito importante! Principalmente para que eu possa trazer um reflexo de mim. Eu sou eles de alguma forma. Meu pai me consola, me orienta que sou uma árvore andante, que preserva as raízes onde quer que esteja. A partir dessa filosofia dele, eu vou me entendendo, me construindo. A partir disso, eu me reconheço.

JOEL: Gostaria que você me falasse um pouco sobre as ilustrações presentes em seu livro.

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: Elas são de minha autoria em colaboração com a Zulmira Correia. Ela me deu vários conhecimentos do que era realmente o processo de ilustração. A ideia era não ter ilustrações, mas os capítulos são bastante densos. Então, a Zulmira me trouxe a ideia de terminar cada capítulo com uma ilustração, para que o leitor pudesse... respirar, já que é um livro sobre mais estar debaixo d'água, do que emergindo.

JOEL: Há projetos futuros?

EZEQUIEL VITOR TUXÁ: Sim! Tenho um projeto de publicar um livro infantil em 2025, mas também tenho um fotolivro, que irá contar a história das aldeias Tuxá de Rodelas e Ibotirama. A proposta do fotolivro é conectar as duas aldeias através da escrita, minha e a de Tainá Tuxá, que é de Rodelas, com a interconexão da fotografia, que vai ser realizada por Elis Tuxá. Será uma mistura de escrita com imagens, que tende a narrar como estão os dois territórios e seus habitantes.

Referência

TUXÁ, Ezequiel Vitor. **O que falam as águas?** Salvador: EDTÓRA/Sociedade da Prensa, 2022.

Entrevistada: Ellen Lima Wassu
Entrevistador: Joel Vieira da SILVA FILHO



Imagem 2: Ellen Lima Wassu³

Biografia

Ellen Lima Wassu é uma escritora, pesquisadora e artista. Indígena Wassu Cocal, povo localizado em Alagoas. Nasceu no Rio de Janeiro, devido à migração que sua família precisou realizar. Realiza doutoramento na Universidade do Minho em Portugal. Autora dos livros *Ixé ygara voltando pra'y'kuá (sou canoa voltando pra enseada do rio)*, de 2021, e *Yby kûatiara: um livro sobre a terra*, de 2023.

JOEL: Inicialmente eu gostaria que você se apresentasse, falasse um pouco de onde você vem, de onde você é e qual a relação com a sua comunidade.

ELLEN WASSU: Primeiro vou falar um pouco da minha história. Eu sou pesquisadora, artista, escritora, trabalho com diversos processos da academia, com pesquisa aqui em Portugal, onde estou fazendo meu doutoramento. Estou trabalhando com questões de representação no campo da literatura e das artes visuais. Então, eu sou uma escritora, me considero ativista, principalmente aqui em Portugal. Eu gosto de dizer que como gente humana eu sou pesquisadora, mas como diz o Jaidier Esbell, eu sou mais bicho que gente, eu sou mais planta que gente, eu sou mais flor que gente. Eu sou nascida no Rio de Janeiro. Meu pai é nascido e criado dentro do território Wassu Cocal. Minha família foi bastante ativa no movimento de retomada da terra. Eu fui para a aldeia com dias de vida, eu nasci, e com dias de vida minha família se mudou para a aldeia. Passei parte da minha primeira infância lá. Depois precisamos sair e eu cresci no Rio de Janeiro, mas sempre em contato com a minha família, com meus parentes, com meu povo, porque os parentes iam sempre para nossa casa no Rio de Janeiro. Eu sempre soube quem eu era, até porque papai sempre fez questão de dizer isso com muita propriedade: nós somos indígenas,

3. Foto de @giselecasimiro. Disponível no perfil do *Instagram* de @ellenlimawassu. Acesso em 15 de julho de 2024.

nós somos Wassu. Depois, após os dezoito anos, comecei a visitar mais a aldeia, já ia com meu pai. Assim, estou cada vez mais próxima da minha família do Cocal. De forma resumida, posso dizer que tenho uma relação cada vez mais próxima com meu povo, cada vez mais enraizada na minha própria cultura, que foi afastada de mim nesse processo de diáspora, entre Alagoas e Rio de Janeiro.

JOEL: Como você começou a se enveredar pela escrita literária? Como foi esse processo?

ELLEN WASSU: Eu sempre escrevi. Desde que eu me entendo por gente, escrevo. Escrevia no livro da escola, escrevia no caderno. Desde criança eu “roubo” poesia, recortava dos livros e colocava em meu caderno. Tudo que eu via e me inspirava e me tocava eu guardava. A poesia sempre me inspirou e me tocou. A Conceição Evaristo fala uma coisa que eu amo muito, que me identifico completamente. Em um texto, ela diz assim: “a poesia sempre me visitava e eu não sabia”. Eu acho que posso dizer que sempre fui uma pessoa, na minha forma de operar na vida, que leu o mundo numa forma poética. Então a literatura é só mais um caminho de expansão dessa percepção poética da vida. Eu sempre olhei para o mundo dessa forma e sempre escrevi. Mas, como mulher, indígena, racializada, periferizada (vale dizer que eu cresci no Rio de Janeiro, mas eu não cresci na zona Sul – eu cresci longe de muitas oportunidades, na periferia, em Campo Grande, na Zona Oeste), então, publicar sempre foi uma coisa que eu achava que não podia, que não tinha condições. Eu acho que o Antonio Candido dá muito conta dessas questões, da literatura como um direito, mas existe aí um cercadinho da literatura, e esse cercadinho tem os cânones, parece que você nunca é bom o suficiente. Então, eu venho do campo das artes, mas eu sempre quis estudar literatura, embora eu não tendo essa base, porque eu não fiz um curso de literatura. Então, eu quis ir para um curso de literatura, porque eu amo escrever. Quando eu cheguei na Universidade do Minho encontrei com a Manuela Bezerra de Melo, que é uma grande amiga, uma poeta pernambucana. Quando mostrei para ela algumas coisas, ela disse que eu tinha que publicar. Então, comecei o processo. Fiz minha primeira publicação na Antologia “Volta para a tua terra”, uma antologia de poetas antifascistas e antirracistas de Portugal. Essa antologia foi uma resposta da Manuela como curadora, de trazer essa resposta contra a xenofobia. Eu publiquei um texto intitulado “Novo erro de português”. Publicar inicialmente foi um caos, pois eu não sabia que tinha direito, e quando o direito me foi concedido eu misturei um sonho de escrever e publicar com o meu maior trauma, que é o meu pertencimento, a minha diáspora. Além da antologia, fiz duas publicações *Ixé ygara voltando pra’y’kuá (sou canoa voltando pra enseada do rio)*, em 2021, e *Yby kûatiara: um livro sobre a terra*, em 2023. *Ixé ygara* é o livro que me traz de volta na canoa do pertencimento, é a minha canoa voltando para a enseada do rio mesmo. Esse primeiro livro é um ritual, ele me trouxe de volta. Eu devo muito espiritual, social e politicamente a esse livro. Mas, para mim, é um livro muito doloroso. Já em *Yby kûatiara* eu estou mais forte, mais briguenta e mais doce também, estou mais do jeito que eu sou.

JOEL: O título do seu primeiro livro *Ixé ygara voltando pra'y'kuá* (*sou canoa voltando pra enseada do rio*) é uma metáfora em relação ao seu processo de retomada identitária?

ELLEN WASSU: Eu tenho entendido que a retomada é o processo de uma vida, dentro e fora do território, porque até quem está dentro teve a sua identidade e o seu pertencimento violentados pelo processo colonial. Então, acredito que o *Ixé ygara voltando pra'y'kuá* foi de fato a canoa do meu pertencimento, que me trouxe de volta para a Serra da Torre, para o Camaragibe, que me fez reconectar em todos os sentidos, porque eu já nasci entrelaçada e pertencente a esse território, mesmo eu não tendo nascido lá na prática. Então, o título não é uma metáfora, porque na verdade eu não sou uma canoa, eu sou água, eu sou peixe. Essa canoa é a canoa do pertencimento, então, isso não é uma metáfora porque o meu corpo segue flutuando. Eu me sinto em todos os sentidos, nesse fluxo de volta. No pensamento ocidental, a metáfora é utilizada para representar uma ideia abstrata, mas neste caso eu não vejo nenhuma abstração em me ver como uma canoa de volta.

JOEL: Você não se envereda pela escrita literária, mas também pelo meio acadêmico. O que você vem pesquisando?

ELLEN WASSU: Sim! Aqui em Portugal eu trabalho no ativismo, principalmente nas questões raciais. Mas eu escrevo também textos críticos de arte, cinema. Estou trabalhando na minha tese de doutoramento sobre poéticas da expropriação. A minha tese é um caminho de volta para que meus parentes se sintam apoiados nesse caminho que a colonialidade empreendeu sobre nós na imagem, na literatura, na identidade.

JOEL: Nós, povos indígenas, enfrentamos há séculos os processos de invisibilização, de silenciamento, de negação dos nossos costumes e identidades. Para você, qual o papel que a literatura indígena tem na retomada de espaços, lugares e vozes que por tanto tempo nos foram negados?

ELLEN WASSU: Acho que a literatura indígena existe primeiro para nos posicionar frente ao Estado brasileiro. Uma forma de dizer ao mundo que nós existimos, que nós resistimos, que nós seguimos e vamos continuar aqui. As nossas espiritualidades, as nossas histórias, as nossas medicinas não são folclore brasileiro, elas não fazem parte de um arcabouço brasileiro. Elas são, antes de mais nada, indígenas. Então, reivindicar a literatura indígena, a intelectualidade indígena é reivindicar que nós somos os protagonistas de nossas próprias histórias. Se nós sabemos ler e escrever, independente de qual língua que seja, somos nós que temos que ler e escrever as nossas histórias. Chega, a gente já está cansado de antropólogos, de escritores e artistas falando sobre nós, mas os nossos corpos nunca estão ali. Posicionar a literatura indígena é um jeito de dizer, e aqui utilizo uma expressão que primeiro foi utilizada na luta anticapacitista no Norte de Abya Yala, mas que é amplamente utilizada: Nunca mais sobre nós sem nós! Então, ninguém mais escreve as minhas histórias quando eu sei escrever. Ninguém mais vai dizer que a minha história de criação é um mito, quando eu sei quais são as minhas espiritualidades. Ninguém mais vai

dizer que a nossa medicina ancestral não tem validade porque nós podemos validar isso dentro do nosso modo. Então, a literatura indígena é essencial para posicionar fundamentalmente o nosso direito à diferença, a nossa presença, pois não somos herança, somos presença. A literatura indígena marca a presença e a contemporaneidade dos povos indígenas do Brasil hoje, com toda a sua cultura, religiosidade, cosmogonia, garantida a partir dos nossos próprios corpos.

JOEL: Sobre a editora em que você publica, de onde ela é?

ELLEN WASSU: Publico pela URUTAU, que é uma editora galego-luso-brasileira. É uma editora que está em três países. Publicar pela Urutau me garante um público de países diversos, de onde estou (Europa) e do outro lado do atlântico, porque para mim é importante conversar com esses dois mundos, porque eu estou em Portugal, produzindo para Portugal, mas como uma resposta. O meu trabalho aqui informa também os parentes do Brasil sobre o que é Portugal. E eu faço isso com muita cautela, muito cuidado e parcimônia para não cair no essencialismo, para não parecer acerto de contas. Mas acredito que é importante, porque publicar nos dois países é um jeito de dizer que estamos aqui também.

JOEL: E sobre o mercado editorial brasileiro atual, o que me diz?

ELLEN WASSU: Funciona como um cercadinho. Hoje a gente consegue ver uma pluralidade maior de vozes, mas ainda assim essa pluralidade é limitada. Então, acho que ainda existe uma noção muito arraigada da literatura como um lugar inalcançável, inatingível. Acredito que essa pluralidade que temos visto diz respeito à relação com a Constituição Cidadã, com as questões da facilitação do acesso ao ensino superior. Mas acredito que ainda é pouco porque nós produzimos muito. Importante destacar que nós somos muitos e diversos. Só de povos indígenas somos cerca de 305 nações. Então, quais são os escritores indígenas que são vistos? Aqui fora (na Europa), só se conhece o Ailton Krenak. No Brasil, além do Krenak, o Daniel Munduruku, a Eliane Potiguara e a Graça Graúna, talvez. Mas há diversos parentes que estão publicando. O mercado editorial ainda é bem restrito.

JOEL: Em alguns dos seus poemas há a presença de palavras indígenas. Qual a língua?

ELLEN WASSU: Eu escrevi em Tupi. Meu povo é um povo da zona da mata (Alagoas), mas a gente compartilha com os povos do sertão muitas espiritualidades. Mas a língua não é corrente. Então eu fui atrás dos documentos de identificação étnica e eu identifiquei o Tupi ou o Nheengatu. Tem parentes na nossa aldeia que acreditam que nossa língua ancestral vem do tronco Macro Jê, e isso não invalida o Tupi. Isso quer dizer que a gente circula com muitas línguas dentro de Wassu Cocal, embora nossas línguas tenham sido tomadas pela colonização. Então, estamos no processo, ainda de forma muito pequena, num movimento de tentar revitalizar a língua. Eu trago isso para a minha literatura porque quando escrevi meu primeiro livro eu estava começando a estudar o Tupi com meus parentes. Aprender uma língua ancestral é acordar alguns sentidos

que a língua portuguesa tirou da gente, porque a língua portuguesa é uma língua estruturada, mas ela não é nossa língua espiritual, não é nossa língua mãe. Então, a língua indígena virou uma ferramenta em minha escrita. Às vezes, quando eu não sabia o que dizer em português, aquela palavra em Tupi fazia todo o sentido. Eu danço com essas palavras, porque aprender uma língua ancestral é reaprender o mundo.

JOEL: Para encerrar, gostaria de saber se podemos esperar novos livros e futuros projetos de Ellen Wassu.

ELLEN WASSU: Com certeza! Já estou trabalhando. Tenho a parte artística bem articulada. O meu terceiro livro deve sair este ano ou no ano que vem, e será um livro em inglês. Estamos produzindo muito. É isso: Estamos navegando! Navegando não, porque já não sou barco. Estamos nadando, sou mais peixe.

Referências

WASSU, Ellen Lima. **IXÉ YGARA VOLTANDO PRA' Y'KÛÁ** (*sou canoa voltando pra enseada do rio*). Cotia – São Paulo: Urutau, 2021.

WASSU, Ellen Lima. **Yby kûatiara**: um livro sobre a terra. Cotia – São Paulo: Urutau, 2023.